

Metragem encontrada

Julio Vilariño

Nos últimos anos, semelha que os filmes de *found footage* ou metragem encontrada estão a fazer-se um oco no nosso panorama cinematográfico. Há ano e meio, o Cineclub de Compostela dedicou-lhe várias sessões a este tipo de cinema, onde pudemos encontrar documentários de compilação como *Iraqi Short Films*, obras que comparam uma narrativa de carácter mais ficcional como *Rock Hudson's Home Movies* ou *Blockade*, peças mais vanguardistas como as curtas-metragens de Matthias Müller ou um filme íntegro, deturpado mediante a adição de legendas, como *La dialectique peut-elle casser des briques?*

Como podemos ver, este tipo de cinema oferece um grande

problema terminológico e de definição, indo do documental para a ficção e passando pelos filmes de carácter mais experimental. Na recente edição do Cineuropa, pudemos ver a estreia de *Vikingland*, longa-metragem de Xurxo Chirro montada com as filmagens do marinheiro Luís Lomba, e em edições anteriores do festival tivemos a possibilidade de ver duas peças de Ramiro Ledo: *CCCV*, a partir de filmagens do cineasta Carlos Varela, e *O processo de Artaud*, remontagem de fragmentos do julgamento de *La passion de Jeanne d'Arc*, de Carl Theodor Dreyer.

Dentro de toda a variedade estilística que oferta este tipo de cinema, quicéramos chamar a atenção precisamente sobre este últi-

mo filme; com data de 2010, *O processo de Artaud*, é em simultâneo umha amostra de *found footage* e umha adaptação literária. A curta-metragem trata do julgamento que botou Antonin Artaud fora do Partido Comunista, feito quase contemporâneo ao filme. Ainda que a maior parte de filmes remontados tratam de atualizar as imagens para estabelecer um diálogo com o presente, Ramiro Ledo reutiliza os primeiros planos do autor francês e remonta-os juntamente com os dos inquisidores, reconvertidos aqui nas principais figuras do surrealismo, para encontrar umha certa reminiscência passada daqueles feitos nas imagens tomadas por Rudolph Maté.

O cineasta galego retoma aqui umha das ideias já utilizadas em

2005 em *CCCV*: o atril como elemento significativo do cineasta-montador. Daquela, as imagens filmadas por Ramiro Ledo recolhiam distintos debuxos e autocollantes do labor como desenhador de Carlos Varela, completando o seu retrato com os anacos da sua obra. Cinco anos depois, em *O Processo de Artaud*, o realizador expom no seu escritório os elementos constitutivos do seu novo filme: o terceiro volume dos arquivos do surrealismo francês do qual é extraído a julgamento (*Adhérer au Parti communiste?*) e sendas fotos de María Falconetti e do próprio Antonin Artaud.

O realizador reelabora assim, com sumo cuidado (já que nenhum dos planos originais se encontra repetido na sua monta-

gem), o filme que nunca mostrou sobre as purgas internas a que André Breton submeteu o surrealismo. Em três significativos planos, um de abertura do filme e outros dous antes e depois dos créditos, Ramiro Ledo fai explícito o dispositivo de elaboração da obra através dum ato de enunciação. No primeiro dos planos, encontramos umha foto de Falconetti, protagonista do filme de Dreyer; no segundo, o próprio realizador extrai das páginas do livro outra instantânea com a face de Artaud. Finalmente, no derradeiro plano do filme vemos a segunda foto por cima da primeira, e umhas tesoiras símbolo por excelência da montagem, assinalam o que foi amputado ao filme e o que o substituiu.